

O CORPO FEMININO NUMA PERSPECTIVA LIBERTÁRIA

*Eliane Pardo Chagas **

*Luiz Carlos Riogo **

I — AINDA HÁ MUITOS MUROS A DERRUBAR

de dentro da tempestade construímos os caminhos, tantas vezes quantas forem necessárias. Reinventaremos o futuro. O socialismo será libertário, ou não será...

Ao propormo-nos escrever este artigo, tentaremos fazer com que ele reflita boa parte de nossas angústias e, por que não? — de nossas limitações. Porém, acima de tudo, queremos que ele consiga traduzir a nossa esperança, nossa busca de novas alternativas, por mais tímidas e iniciais que elas possam parecer. Buscaremos, na verdade, potencializar essas esperanças em nossa práxis cotidiana e profissional, na expectativa de que possam vir a constituir-se em contribuições orgânicas para a construção da nova sociedade justa e igualitária que queremos.

O momento histórico pelo qual passamos desperta-nos fortemente para a necessidade de revermos radicalmente nossas concepções, nossas visões de mundo, resgatando uma totalidade muitas vezes desconsiderada. A crise do socialismo real, a realidade da disputa política dos países latino-americanos, enfim, as dificuldades encontradas pelas nações que procuram construir uma sociedade diferente, socialista (Nicarágua p. ex.) e sentiram-se obstruídas por inúmeros fatores, tais como a pressão imperialista, a burocratização do estado socialista etc., são problemas que mobilizam o mundo inteiro atualmente e que levam-nos inevitavelmente a repensar o nosso projeto político ideal, ou seja, o "socialismo", de uma forma bem mais ampla e crítica, superando dogmas e receitas solidificadas e acabadas que mais assemelham-se a manuais bíblicos do que a reflexões filosóficas.

É preciso, sim, aplicar a dialeticidade e a historicidade sobre nossas próprias concepções do "marxismo" precisamos, sim, com humildade, aprender criticamente o que desfazer.

A busca dialética de resgatar o passado de forma crítica, visualizando os seus equívocos históricos e as suas limitações teóricas soma-se à

necessidade de rever radicalmente as relações entre a infra e a superestrutura. Acreditamos que a sociedade utópica (não existe porém possível) não surgirá meramente a partir das transformações da base econômica, que, por sua vez, acarretarão automaticamente mudanças nos valores superestruturais, condicionando um "vir a ser" limitante quanto à necessidade da conscientização e atuação do homem sobre a história. Dentro dessa perspectiva limitante, a nova sociedade é visualizada a partir de etapas determinadas "cientificamente", e estas irão conduzir inevitavelmente ao socialismo.

No entanto, o que percebemos, na realidade, é uma grande capacidade do capitalismo desenvolvido recompor-se diariamente, a partir de suas crises, vestindo-se de novas roupagens onde, mesmo mantendo a exploração do homem, com todo o arsenal produzido pela indústria cultural, consegue camuflar a luta de classe e manter-se no poder sem deixar transparecer seu final pré-determinado.

A partir dessas colocações, queremos deixar claro que, para nós, a construção do socialismo libertário supõe envolver, junto à luta econômica, uma disputa com a sociedade burguesa no que diz respeito aos valores do indivíduo e da sociedade os quais foram historicamente muitas vezes relegados a um segundo plano ou até mesmo desconsiderados pelos marxistas ortodoxos.

Há, portanto, ainda, muitos muros a derrubar em busca de uma sociedade que tenha como objetivo fundamental a possibilidade do homem desenvolver-se em sua totalidade.

Questionar os valores que dizem respeito à corporeidade, nessa ótica, adquire uma importância fundamental, na medida em que o corpo constitui-se numa das instâncias onde se registram as marcas do controle e da repressão social exercido pela sociedade burguesa para a manutenção do "status quo" e realimentação constante do sistema produtivo.

Na seqüência deste estudo, tentaremos refletir algumas questões referentes ao corpo feminino e a sua utilização na sociedade capitalista brasileira.

* Mestrando em Educação Física da Universidade de Santa Maria

II — CORPO: MERCADORIA PARA O USO — CORPO: LUTA PELA LIBERTAÇÃO — PROCESSO RICO DE CONSTRUÇÃO DO FEMININO

Este estudo, ao tentar desenvolver sua temática, partirá de algumas situações concretas que evidenciam a necessidade de repensar a problemática aqui levantada, no sentido de desvelar a sua pseudoconcretidade e, conseqüentemente, atuar na realidade numa perspectiva de transformação. Apresentaremos, então, algumas citações que ilustram a contextualização do problema, assim como a iniciam:

Que venham as mulheres. Saberemos instruí-las e adestrá-las para a profissão militar. Com certeza, pela sua dedicação, abnegação e persistência, absorverão rapidamente os segredos da caserna. A partir do ano 2000 estarão cumprindo missões operacionais ao nosso lado, levando à sua esquerda a coragem, e à sua direita a disciplina (Revista Verde Oliva-Ex. Brax.)

"Turbelline é melhor que cama". Anúncio publicitário.

Este anúncio mostra a fotografia das nádegas de uma mulher e ao lado lê-se:

Tubelline é uma questão de encaixe. Macia onde é necessária, firme onde é indispensável, conhece todos os meus segredos. Feita em tubos PVC, é mais econômica e mais resistente. Quando sento numa tubelline, tenho certeza que nasci virado para lua.

Logo abaixo do anúncio, em proporções bem menores do que a fotografia exposta, encontra-se o desenho de uma cadeira. O problema é decifrar se o referido anúncio busca vender uma marca de cadeira ou um traseiro de mulher.

Recomendações às mulheres: Do mesmo modo, quero que as mulheres usem traje honesto... A mulher ouça a instrução em silêncio, com espírito de submissão. Não permito a mulher que ensine, e sim que permaneça em silêncio, nem se arrogue autoridade sobre o homem. Pois o primeiro a ser criado foi Adão, depois Eva. E que, enganada, tornou-se culpada de transgressão. Contudo, ela poderá salvar-se, contanto que permaneça na fé, na caridade e na modéstia e na santidade, cumprindo os seus deveres de mãe. (Timóteo 1, 2,3)

Essas situações distintas, aparentemente não relacionadas, quando desvendadas em sua concretude, refletem a visão de corpo e de mulher que perpassa a história da humanidade.

Um corpo submisso, uma mulher submissa, que se define a partir do homem. O homem só se pensa pensando o Outro: "apreende o mundo sob o signo da dualidade, esta não tem, de início, um caráter sexual" (BEAUVOIR, 1980), porém, naturalmente, sendo diferente do homem que se põe como o Mesmo, é na categoria do Outro que a mulher é incluída, o Outro envolve a mulher. Nessa ótica, sendo a mulher considerada o Outro Absoluto, faz-se precisamente impossível encará-la como sujeito.

As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse "para si" em face do grupo masculino, nunca tiveram um relação direta e autônoma com os homens. Segundo estes (vide citação da revista do Exército), talvez no ano 2000 consigam estar ao lado delas. Onde se encontram agora as mulheres?

Que características são atribuídas às mulheres pelos militares, ao chamarem-nas, até eles, pela sua persistência, dedicação e abnegação? A coragem e a disciplina, valores perpassados pela ideologia militar, estão a favor de quem? Qual seria, na verdade, a real utilização desses valores?

A respeito da disciplina, provavelmente disciplinar o corpo para ser melhor controlado e, conseqüentemente manipulado, FOUCAULT (1987) coloca a questão da disciplina a partir da época clássica, onde o mesmo é apropriado de forma singular pelo Poder, é descoberto como objeto e alvo desse poder. Constrói-se, a partir daí, uma "anatomia política", uma "mecânica do poder", onde os corpos passam a ser manipulados, modelados, treinados, tornando-se hábeis, respondendo às solicitações, multiplicando suas forças.

A disciplina do corpo serve, portanto, aos interesses daqueles que detêm o poder, na medida em que fabrica corpos "dóceis", aumentando sua força em termos políticos de obediência.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil e inversamente (FOUCAULT, p. 127)

O corpo disciplinado será, portanto, sempre um corpo controlado, servil à lógica do capital. O corpo livre, a sexualidade vivenciada, conterão, em sua essência, o germe revolucionário.

Disciplinar o corpo feminino torna-se uma das metas fundamentais da classe dominante para que se realize nas instâncias econômicas, política e jurídico-ideológica o processo de produção/exploração, apropriação/dominação e distribuição/consumo dos bens materiais produzidos, na medida em que a mulher constitui mão-de-obra barata quando operária e consumidora em potencial quando burguesa.

MURARD (1983), em seu estudo sobre sexualidade da mulher brasileira, tenta mostrar-nos como interagem a complexa rede corporal e a complexa rede econômica, como e até que ponto a dominação sexual é a base e o fundamento da dominação das classes no Brasil.

Essa autora coloca o problema do crescimento populacional como de extrema importância para a conservação ou perda da hegemonia das economias dominantes e é no sentido desse crescimento, do seu controle, que se justifica uma maior vigilância sobre o corpo feminino na medida que "a sexualidade feminina em primeiro lugar deve ser controlada, pois é da mulher que, em última instância, depende o controle da reprodução da espécie". Sendo detentora última dos destinos da reprodução, detém também, os destinos do próprio sistema dominante.

Tem-se, portanto, uma visualização de que, na verdade, são os problemas mais íntimos, mais individuais que estão no centro dos problemas mais graves a nível macro, e não nos damos conta disso.

Os interesses econômicos articulam-se na vida cotidiana das mulheres, esculpindo corpos adequados para a reprodução do sistema capitalista, atuantes na esfera da produção e do consumo, produzindo discursos que alicerçam-se como micropoderes a nível do imaginário das mulheres. A produção articula-se também com as representações do desejo.

Produzem-se corpos economicamente úteis, mas para que assim seja é preciso que sejam submissos. Universalizam-se, então, o desejo e a produção, relação esta visualizada através das instituições, leis, normas de comportamento e mecanismos econômicos, perpetuando o ciclo do capital, produzindo a mais-valia através da submissão e exploração dos corpos.

O corpo é, portanto, sede tanto da sexualidade como do trabalho e de qualquer outra atividade humana, é a base da percepção e organização da vida humana, tanto no seu sentido biológico como social (MURARO, 1983).

Na verdade, o que podemos perceber é que não existe uma definição "a priori" sobre o corpo, elaborada no mundo das idéias. Toda a definição de corpo reflete o que o homem produz e como produz. A partir disso, algumas instâncias superes-

truturais tratarão de perpetuar a imagem de corpo necessária para atender à lógica do modo de produção em questão. Porém, essa análise não é de forma alguma mecânica e direta, e justamente nesse sentido é que se torna um desafio desvendar de forma dialética as relações entre a infraestrutura e a superestrutura. Nessa ótica, receberão cuidado especial, nesse estudo, as instâncias da cultura e da ideologia.

Segundo BERNARDT (1984), toda a definição de corpo é também reflexo de uma postura ideológica. É especificamente sob esse ângulo que percebemos claramente o uso do corpo feminino como mercadoria atuante a nível de produção e do consumo de diferentes formas. A verdade é que, nas sociedades capitalistas, o corpo, concretamente e na forma como se representa e é percebido pelo homem, acompanha os matizes fornecidos pelo sistema dominante.

O Brasil, país extremamente consumista não foge à regra, e como caracteriza-se fundamentalmente por ser uma sociedade estruturada em classes, é sob essa ótica que tentaremos analisar o corpo da mulher brasileira. A essência do capitalismo gira em torno do lucro, da extração de mais-valia, da oferta e da procura e da utilidade. Como tudo, o corpo não foge à regra e é tido como objeto de produção e de consumo. E como produz. E como é consumido. Que o digam as mulheres. O fato concreto é que seus corpos são consumidos diariamente por milhares de olhares ansiosos de brasileiros todos os dias, em todos os lugares. Enquanto isso, sobe o aluguel, o preço da carne, do feijão, porém, o que não faz o brasileiro por alguns minutos de "sonho", que substituam de alguma forma a miséria e a falta de perspectiva de viver com dignidade. O que não faz uma empresa para vender uma peça íntima. E o corpo feminino responsabiliza-se? por um lado, pela produção dessa mercadoria, por outro lado, torna-se ele próprio um mercadoria e fetichiza-se ao erotizar os produtos, à custa da dignidade humana, a serviço dos grandes monopólios.

Dentro da lógica do capital, o corpo fetichiza-se de diferentes formas.

O corpo da mulher burguesa padroniza-se, adquire um valor exterior a ele, a partir dos valores estéticos estipulados como modelos a serem seguidos. Possui, portanto, uma relação mais íntima com a cultura. Seus corpos, quando dentro dos padrões, são colocados à venda e encontrados nas bancas de revistas, nas prateleiras, nos filmes e músicas, concursos de beleza, adquirindo um valor de uso na medida em que, enquanto mercadorias, vendem outras mercadorias, atuando de forma mais direta na produção e no consumo. Porém preenchem as expectativas do capital ao consumirem diretamente os produtos do mesmo, ou seja, a moda e todo o arsenal de mercadorias colocadas

à disposição das mulheres para a busca de um corpo mais ou menos parecido com o modelo padronizado do corpo belo, e essa busca constitui também a garantia da felicidade e até, quem sabe? — a conquista de um “casamento promissor”.

Ao mesmo tempo que as relações mercantis penetram em todos os campos da vida social, os homens e as mulheres vêem-se cada vez mais sujeitos ao mundo das coisas, isto é, aos seus próprios produtos. A nova função econômica da mulher na sociedade de consumo empola as suas responsabilidades como proprietária do seu sexo participando do prestígio da família e detendo cada vez mais a função de compradora. A ela se dirige grande parte da publicidade, “dignificando-a”, em função do homem, estimulando-a a comprar mercadorias que criam uma mística esfera de atração e usufruto masculino (DUMOULIN, J. p. 36)

O corpo da mulher trabalhadora padroniza-se a partir dos valores produtivos: possui uma relação direta com o trabalho, busca modelar-se às máquinas, uma energia que lhe permite sustentar a dupla jornada, recebendo salários inferiores, alimentando a exploração e a discriminação.

Na sociedade de classe, a mulher burguesa e a operária correm ambas em busca de um modelo de corpo. Reprimida e desvalorizada, a primeira corre atrás da beleza, das “medidas econômicas do belo”, das misses e manequins; a segunda corre atrás da força, sobreposta à validade apesar de toda a influência da mídia, força esta que lhe permitirá garantir o sustento dos filhos no final do mês. Seu corpo possui as marcas da miséria humana e volta-se sobretudo para a produção e a reprodução.

Dessa forma, o valor comercial sobrepõe-se ao valor estético, na medida em que se tem o lucro como parâmetro, e o corpo da mulher, se for “belo” vende, se “forte”, produz. Os detentores do monopólio, na verdade, são os únicos reais ganhadores, enchem seus bolsos, lucram, cada vez mais, com os corpos-mercadoria que funcionam constantemente, para que detenham sempre mais e mais.

Mulheres de classes sociais diferentes, têm seus corpos padronizados de acordo com a sua validade no mercado: corpos produtivos, corpos belos. A função social as torna semelhantes, vendem seus corpos, a produtividade e utilidade do seu suor, da sua beleza, da sua força de trabalho. Ambas, burguesa e operária, mercadorias que vendem ou produzem novas mercadorias, diferentes em muitos aspectos, de classes sociais antagônicas, porém, acima de tudo, igualam-se em explora-

ção e discriminação pelo conceito fundamental da “mais valia”.

A exploração comercial e publicitária do corpo fornece voz alciadora, através da técnica publicitária, e o homem torna-se vulnerável à ideologia do luxo comercial, do consumo do corpo pelo corpo e para o corpo, ideologia da felicidade física e do bem-estar comercial.

E o modelo do belo e do produtivo, assim como as disciplinas, citadas por FOUCAULT anteriormente, disciplinam ideologicamente corpos e mentes da mulher brasileira. As técnicas, de tão sutis, parecem afagos, concretizam-se no imaginário das mulheres e passam a fazer parte do seu mundo subjetivo, camuflando a realidade na medida em que a mulher passa a buscar esse modelo de corpo como sinônimo de felicidade ou de manter-se viva. Passa também a competir consigo mesma e com as outras mulheres em detrimento de um engajamento para futura superação das condições em que vivemos na sociedade de classes.

A exploração do corpo feminino pelo capitalismo, ao forjar padrões específicos de corpo, de acordo com a sua utilização nas esferas da produção e do consumo, evidencia a premissa de que os modelos de corpo, muito especialmente o da mulher, não são, portanto, estáticos, acabados e universais. Pelo contrário, são delineados histórica e socialmente em cima das necessidades colocadas pelo modo de produção.

A origem exata da discriminação constitui uma das grandes questões colocadas hoje por pesquisadores que trabalham com o conhecimento sobre a mulher, porém é certo afirmar que ela surge de longa data e não constitui privilégio das sociedades capitalistas, nem tampouco acreditamos que, com o advento do socialismo, ela irá automaticamente desaparecer. Apesar disso, é correto afirmar que o capitalismo apropria-se com muita singularidade da opressão e discriminação das mulheres e redefine-a, integrando-a:

quer na reprodução do mesmo, onde o trabalho doméstico e a manutenção da parcela feminina da força de trabalho em condições de inferioridade ampliam a taxa de lucro do capital social; quer no sistema de dominação burguesa, onde a família como instituição essencialmente conservadora e autoritária funciona como instância básica de socialização e inculcamento dos valores dominantes na sociedade e facilita o controle sobre o corpo, a sexualidade e a capacidade reprodutiva das mulheres (OLVARES, R. p. 34).

O investimento do poder sobre o corpo feminino, portanto, obedece a uma exigência fundamental do capitalismo, que é a de manter sob a sua

tutela o controle das mulheres e, conseqüentemente, da reprodução da espécie.

III — A EDUCAÇÃO FÍSICA E O CORPO FEMININO

A partir de toda a realidade mostrada anteriormente sobre as múltiplas formas de coerção da sociedade atuantes no corpo feminino, queremos refletir sobre a especificidade da educação física inserida nesse contexto.

Dois aspectos, para nós, possuem influência determinante nos currículos de educação física como um todo, direcionando a metodologia, os conteúdos, os objetivos visualizados na prática de atividades físicas na escola e mesmo fora dela. São eles, o belo e o biológico, fatores que, além de determinantes sobre os currículos, condicionam a prática da educação física a uma visão fragmentada do corpo, alienada da sociedade e discriminatória em relação aos papéis sexuais.

Em relação à padronização do belo, podemos perceber claramente um movimento social acentuado em direção à exaltação da beleza, do corpo saudável, da proliferação das academias, do desenvolvimento da musculatura, que se reflete nas discussões curriculares da comunidade da educação física, que, preocupada com mais uma "brecha" para seus profissionais no mercado de trabalho, desvia a reflexão, das causas para os efeitos imediatos, não radicalizando as questões, adaptando-se a cada nova moda que surge, sem perceber claramente a lógica que sustenta esse ciclo.

É necessário, portanto, desmistificar certos modelos de corpo, propostos ideologicamente na sociedade de classe e que se sedimentam também na educação física, superar a visão de corpo-objeto, entre tantos outros, que impede um contato e conhecimento real do corpo e, fundamentalmente, refletir criticamente esses modelos que enfatizam-se na educação física e até que ponto eles impossibilitam o desvelamento do real em termos de superação do controle e da repressão exercidos sobre o corpo.

Ao priorizar a questão da saúde e basear-se hegemonicamente na biologia, a educação física reforça a discriminação dos sexos, na medida em que propõe diferentes conteúdos e objetivos em função das diferenças biofisiológicas, enfatiza os diferentes papéis sexuais na sociedade.

A naturalização da sociedade pelo positivismo e a matriz conceitual das demais naturalizações serviu de anteparo para o controle do comportamento feminino na medida em que determina biologicamente as atitudes femininas e supõe a superioridade do sexo masculino sobre o feminino. Um fato essencialmente social portanto, passa a adquirir

uma conotação natural. As palavras de BEAUVOIR traduzem muito bem a necessidade e de se repensar essa naturalização do fato social, que, apesar de haver sido superado em termos de conhecimento científico, sobrevive fortemente no senso comum e muito particularmente na educação física, enfatizando a maternidade como uma característica prioritária da mulher (ver história da educação física). Portanto, dar uma nova conotação à prática da educação física supõe fundamentalmente rever o papel da biologia na produção científica da área e, também, superar essa naturalização de forma radical.

é, portanto, à luz de um contexto ontológico econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais, são fatos de extrema importância. O corpo da mulher é um dos elementos essenciais à situação que ela ocupa neste mundo, mas não é ele tampouco, que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida quando assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade. A biologia não basta para fornecer-nos uma resposta à pergunta que nos preocupa: Por que a mulher é o outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história, trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana (p.57).

A citação de BEAUVOIR consegue evidenciar com clareza a nossa preocupação nesse estudo, ou seja, pensar alternativas de superação de uma visão discriminatória da mulher, que se reflete enfaticamente na educação física. Acreditamos na possibilidade da práxis da educação física vir a constituir-se num fórum que contribua para o processo de libertação do corpo e da sociedade.

A discussão referente ao corpo feminino pode ser inserida dentro de propostas que dizem respeito ao trabalho com os grupos periféricos, aliados socialmente de forma mais sistemática e evidente, portadores, portanto, quando articulados organicamente, de grande possibilidade de desenvolver uma resistência que poderá transformá-los em instância efervescente de luta pela construção da nova sociedade, e, conseqüentemente, da nova mulher.

A partir disso, se a educação física pretende passar de sua função geralmente opressora para uma atuação que contribua para a libertação do corpo feminino, deve rever radicalmente a sua proposta pedagógica.

IV — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. São Paulo, Graal, 1982.

BERNARDT, M. **El Cuerpo**. Buenos Aires, Paidós, 1985.

DUMOULIN, J. **Para uma ciência da libertação da mulher**. São Paulo, Global, 1982.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1987.

-----; **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

MURARO, R. M. **A sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1983.

